



REFLEXÕES SOBRE O PROFESSOR DO SEXO MASCULINO NA
EDUCAÇÃO INFANTIL

ANGELA CRISTINA GOMES DA SILVA

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção de licenciatura plena do curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da UERJ.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Gláucia Guimarães

São Gonçalo

2014

REFLEXÕES SOBRE O PROFESSOR DO SEXO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de graduada ao Departamento de Educação do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^a.Dr^a. Gláucia Guimarães

São Gonçalo, RJ

2014

Aprovada em

Banca Examinadora

Gláucia Guimarães – orientadora

Rodolfo Ferreira - parecerista

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me dar força e perseverança para não desistir de atingir os meus objetivos, mesmo nos momentos mais difíceis, os quais pareciam ser intermináveis, devido a grande exaustão de cursar uma faculdade, acumulando trabalho, estudos e outras responsabilidades, conseguindo com muita fé e dedicação realizar meus propósitos, mas principalmente com o apoio de minhas filhas amadas Carol e Bia, chegando a essa graduação com a sensação de vitória, felicidade e alegria.

A minha família, e em especial as minhas filhas Carolina, Ana Beatriz e ao meu marido Hélio, pelo apoio e estímulo em todos os momentos de minha vida acadêmica e de grandes dificuldades as quais serviram para fortificar a minha determinação.

As minhas amigas/irmãs Angelina Pedrazza, Carolina Pedrazza e Giovanna Pereira que estiveram em todos os momentos ao meu lado ajudando e apoiando com o amor e carinho de uma amizade preciosa.

A minha orientadora, a Professora Gláucia, pela atenção e colaboração para a realização do presente trabalho.

Agradeço, também, a todos que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho acadêmico.

Dedico aos meus pais José Augusto e Maria Gomes(*in memoriam*). Que se estivessem aqui estariam muito orgulhosos da sua filha, sendo a primeira formanda da família Gomes da Silva.

“O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis.” “José de Alencar”.

RESUMO

Este estudo parte de experiências que amaldiçoei durante o curso de Pedagogia da FFP-UERJ – que habilita seus formandos em professores de Educação Infantil no que diz respeito ao trabalho do professor/pedagogo, do sexo masculino, na educação infantil. A curiosidade em compreender como alunos do sexo masculino do Curso de Pedagogia da FFP-UERJ encaram e lidam com os preconceitos relacionados ao sexo masculino na educação infantil, me incentivou a dedicar boa parte de meu estágio à observação da prática de um professor da Escola Municipal X, bem como sua relação com alunos, pais, professores e comunidade. Procuramos observar como este professor enfrenta reações negativas dos pais, críticas do corpo docente e desconfianças por parte da comunidade/sociedade, se sentindo na obrigação de “provar diariamente sua capacidade” e suas “verdadeiras intenções”. Para relatar a pesquisa em questão, dividimos esta monografia em cinco capítulos. No primeiro destacamos as razões históricas e sociais que, segundo alguns autores, podem ter contribuído para desenvolver preconceitos acerca do gênero masculino na educação infantil. No capítulo seguinte destacamos concepções pedagógicas relacionadas ao cuidar e ao brincar na Educação Infantil. O terceiro capítulo configura-se em elaborar um quadro que procura destacar os preconceitos existentes na sociedade acerca do professor do sexo masculino na Educação Infantil. O quarto reúne e analisa os dados obtidos por meio de observações, entrevistas, encontros e conversas acerca das experiências vividas por um professor, regente de uma turma de Educação Infantil. No capítulo seguinte procuramos destacar como os alunos do sexo masculino na FFP se percebem como professor na Educação Infantil. A guisa de conclusão, devido a preconceitos os futuros profissionais de pedagogia do sexo masculino optam pela área de gestão, abandonando a Educação Infantil, dificultando a busca de um novo olhar sobre esse profissional, já que são poucos os profissionais que escolhem atuarem nesta área, onde os que ali atuam tentam vencer as barreiras contidas na comunidade escolar como também com os pais de alunos e a sociedade como um todo.

Palavras- Chaves: Educação, professor do sexo masculino, educação infantil, escola.

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
INTRODUÇÃO	8
1 UM POUCO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	10
2 FALANDO SOBRE O PROFESSOR DO SEXO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	14
3 REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES DO PROFESSOR DO SEXO MASCULINO QUE ATUA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A SOCIEDADE.....	16
4 AS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS: CUIDAR E BRINCAR.....	18
5 UMA QUESTÃO DE GÊNERO	22
6 REFLEXÕES SOBRE AS RESPOSTAS DOS ALUNOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FFP ACERCA DA SUA HABILITAÇÃO PARA ATUAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA	32
9 ANEXO.....	34

INTRODUÇÃO

A educação infantil historicamente configurou-se como um espaço feminino, no qual a figura masculina é de certo modo rejeitada, pela própria comunidade escolar. Por outro lado, a cada ano aumenta o número de homens inscritos em cursos de formação de professores em nível médio e nos cursos de Pedagogia e é quase consensual que é salutar o convívio de crianças em formação na educação infantil com professores do sexo masculino.

Neste trabalho procuro trazer à tona questões que podem vir a contribuir com uma reflexão sobre as relações de gênero e, discutindo sobre a formação do professor do sexo masculino na Educação Infantil, relações essas que ao longo dos tempos demarcaram campos distintos em nossa história, as quais apresentavam diferenças em vários aspectos, mostrando a dificuldade de se lidar com as diferenças na sociedade.

Destacando a presença do professor do sexo masculino na Educação Infantil, fato esse contemporâneo que acontece devido às inovações constituídas na legislação à infância, no que diz respeito à educação básica, onde se obteve a abertura de concursos públicos legitimando a presença de profissionais qualificados sem distinção de gênero na Educação Infantil.

O interesse por esta temática originou-se nos primeiros momentos da minha chegada à FFP-UERJ. Observava que havia alunos de sexo masculino no curso de Pedagogia e ficava imaginando como seria a atuação destes alunos na educação infantil, já que nosso curso oferece esta oportunidade. Observei que, em sala de aula, a presença feminina na turma era majoritária. A presença masculina se resumia a apenas três alunos numa turma de 40, por esta razão, invariavelmente, parecia que eles estavam no curso errado. Afinal era uma área dominada por mulheres e que provavelmente para eles, apresentaria grandes dificuldades no decorrer do curso e posteriormente na vida profissional.

No Estágio Supervisionado em educação infantil, disciplina obrigatória do referido curso, estagiei em uma turma que o professor, diferente da maioria das professoras da escola, era do sexo masculino, contribuindo para despertar ainda mais o meu interesse sobre o assunto. Assim, minha curiosidade acerca do tema agudizou. Queria saber como ele trabalhava com a turma, como era o tratamento direcionado a ele dos colegas de trabalho, dos pais de alunos e dos próprios alunos.

Procurei observar e conhecer sobre as experiências desse professor, e obter informações que colaborassem para um conhecimento sobre a história da Educação Infantil no Brasil e conhecer a visão que os alunos de pedagogia da Uerj do sexo masculino tinham sobre o papel do professor homem junto das crianças na Educação Infantil.

Sendo assim, várias questões sobre esses e outros futuros profissionais foram estimulando minha curiosidade, tais como: como está sendo a formação dos alunos que optam pelo curso de Pedagogia e que podem atuar na educação infantil? Qual seria o interesse desse profissional do sexo masculino em atuar em espaços considerados femininos, como creches e instituições de educação infantil? Diante de tantos preconceitos e estereótipos tradicionalmente vinculados ao gênero, de que maneira se comportavam e eram recebidos dentro da comunidade escolar? Conhecendo os problemas que os professores homens vivenciam na atuação na educação infantil, podemos contribuir com a formação destes alunos do curso de formação de professores, tecendo pistas que irão identificar os diversos olhares sobre essas problemáticas.

Procurando fazer uma reflexão sobre esse profissional, propondo uma discussão para se desmistificar todo esse pensamento em que os homens não são capazes de cuidar de uma criança de pouca idade, mas que deve ser exercida por pessoas qualificadas, independente do sexo que possua, desconstruindo esse pensamento que se apresenta a muito tempo em nossa sociedade.

Portanto, diante da minha experiência durante o estágio supervisionado em Educação Infantil, análise dos questionários oferecidos à alunos de pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da UERJ e pesquisa teórica , pretendo contribuir para a inserção de professores do sexo masculino na educação infantil, já em sua formação, seja em curso de formação de professores em nível médio, seja no curso superior de Pedagogia. Para tanto, pretendo analisar as respostas de futuros profissionais de pedagogia referente a esse assunto, com vistas à formulação de opiniões desses alunos e da revisão de literatura sobre o tema, a intenção é formular conhecimentos acerca desta problemática, com a ajuda dos próprios sujeitos da pesquisa, promovendo essa discussão junto a sociedade.

O questionário será realizado junto à alunos do curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores UERJ de períodos variados, contendo sete perguntas: Que período está cursando na faculdade? Qual a sua idade? Por que você escolheu o curso de Pedagogia? Você trabalha como professor ou na área da educação? Qual? Tem interesse em trabalhar na educação infantil? Explique? Em sua opinião quais as dificuldades que o professor do sexo masculino encontra para lecionar na a Educação Infantil? Você acha que a faculdade prepara seus alunos do sexo masculino para atuar na educação infantil? Explique. Procurando pistas para identificar o pensamento e a posição de futuros profissionais do sexo masculino que estão em aprendizado, diante dessa função que faz parte do currículo oferecido pela faculdade.

UM POUCO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

No Brasil as primeiras creches foram surgindo durante a revolução industrial devido à grande necessidade de se ter um local onde se poderiam deixar os filhos, para que não ficassem sozinhos durante o trabalho de suas mães, que eram operárias e domésticas que necessitavam de trabalhar para contribuir com o sustento familiar, as quais fizeram protestos, reivindicando melhores condições de trabalho e creches, logo conseguindo esse espaço, pois os donos das fábricas resolveram conceder as creches para enfraquecer

os protestos, mas logo viram que as operárias satisfeitas trabalhavam melhor, e assim a produção era maior.

Estas creches eram improvisadas e apresentavam precárias condições, não havendo nenhum tipo de embasamento pedagógico, fundamentada em uma concepção assistencialista, higiênica e sanitária e, ainda, sem nenhum amparo por lei ao atendimento dessas crianças de 0 a 6 anos. Esse ambiente então passa a ter características femininas, devido às questões culturais, pois só as mulheres tinham essa capacidade maternal de cuidar de crianças tão novas e já aos homens destinavam-se os trabalhos braçais, tidos como provedores do lar.

No governo de Getúlio Vargas, em 1943, ocorreu uma modificação na Consolidação das Leis trabalhistas (CLT); onde determinava que cada empresa seria responsável por organizar berçários para que as mães amamentassem seus filhos no trabalho, durante o período de aleitamento, mas nem todas as empresas cumpriram essa lei, pois não havia fiscalização por parte do governo.

Já na década de 50, com o crescimento da industrialização, ficou mais intensa a urbanização, crescendo o desenvolvimento imobiliário, diminuindo os espaços onde as crianças podiam brincar desencadeando uma maior adesão a creches, juntando a falta de espaço e o desenvolvimento da época, cresceu a necessidade de mães trabalharem, não somente das classes operárias, mas também de mulheres da classe média, fazendo que as creches fossem ampliadas e as crianças cuidadas nos modelos da classe média; chegando na década de 70, já com um perfil compensatório de educação, onde haviam propostas para se estimular novos conhecimentos, atitudes e eliminar carências culturais.

O surgimento do termo pré-escola veio com a Lei 5692, formulada no ano de 1971, onde as crianças menores de sete anos deveriam ser amparadas por jardins de infância, escolas maternas, e instituições equivalentes. Sendo que o desenvolvimento cultural variava conforme o grupo social a quem a creche atendia, pois as crianças de classe elevada tinham como objetivo a ampliação do cognitivo dentro de um ambiente que promovesse esse estímulo

e já as crianças da classe pobre permanecia sem proposta educativa, mas com o cuidar e assistir prevalecendo.

Como Kuhlmann aborda:

“A exposição pedagógica de 1883 caracterizou-se na questão da educação pré-escolar pela legitimação dos interesses privados. Embora houvesse referências à implantação de jardins de infância para atender à pobreza, estas não encontravam o menor eco em iniciativas concretas. As preocupações daqueles que se vinculavam às instituições pré-escolares privadas brasileiras era com o desenvolvimento de suas próprias escolas. Note-se, entre eles, atualização do termo ‘pedagógico’ como uma estratégia de propaganda mercadológica para atrair as famílias abastadas, como uma atribuição do jardim de infância para os ricos, que não poderia ser confundida com os asilos e creches para os pobres”. (1991, p.83-84)

As mães que trabalhavam por volta da década de 70 buscaram juntamente com os movimentos sociais que o poder público mantivessem as creches, como também criassem outras mais bem organizadas, possibilitando com isso a conquista de um direito da mãe que trabalha e precisa deixar seu filho na creche, fazendo que a creche fosse essencial na relação entre patrão e empregado, conseqüentemente o número de creches mantidas pelas empresas para seus funcionários cresceram e caso não tivesse a creche na empresa algumas chegavam a ajudarem nos custos de uma creche particular, devido à obrigação desse direito dos funcionários junto as empresas. Houve uma expansão dos números de creches e berçários de redes privadas e também de creches comunitárias, muitas vezes sustentadas pela comunidade e seus usuários e não só pelo poder público.

O ambiente escolar com o passar dos tempos vai sofrendo mudanças, passando a sofrer influências femininas, contribuindo para o rompimento do pensamento machista que dominava a educação, como também a sociedade da época, onde as mulheres eram excluídas, já nos dias atuais a educação é dominada pelo sexo feminino, deixando de lado em algumas etapas da educação, os homens.

Com a promulgação da constituição brasileira de 1988 a Educação Infantil passa a ter um capítulo com direito das crianças de 0 a 6anos, já na

década 1990 surge o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) que contribuiu para implementar as políticas públicas para a educação infantil, surgindo alguns anos depois a LDB (Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional) 9394-96, a qual vem a definir a educação infantil como sendo a primeira etapa da educação básica.

Ao final dessa década a infância passa então a ser entendida, respeitada e amparada por leis, ganhando as creches e pré-escolas Referenciais e Parâmetros Curriculares, segundo os quais a função da educação infantil é educar e cuidar da criança em espaço formal, contemplando a alimentação, o brincar e a higiene, respeitando o caráter lúdico das atividades, enfatizando o desenvolvimento integral da criança.

A educação escolar é organizada pela LDB em educação básica e educação superior, colocando a educação infantil, como a primeira etapa da educação básica, em seus artigos 29 e 30 da referida lei, a qual será oferecida em creches para as crianças de zero a 3 anos e em pré-escolas para as crianças de 4 a 6 anos de idade. Com a modificação pela Emenda Constitucional nº 53/2006 se estabelece uma mudança entre as idades máximas de permanência na educação infantil estabelecidas anteriormente na LDB e na Constituição, onde é reduzido o limite de idade para 5 anos, tendo o ensino fundamental duração 9 anos.

Em 1996, a LDB, no artigo 62, determina sobre a formação do professor, que para atuar na educação básica é preciso nível superior em universidades ou institutos superiores de educação, admitindo como formação mínima para o exercício do magistério na Educação Infantil, bem como nas primeiras quatro séries do ensino fundamental, a de nível médio, na modalidade Normal.

O Estado tem o dever (União, Estados, Distrito Federal e Municípios) de assegurar a educação infantil para todas as crianças em creches e pré-escolas (CF/88, art.208, IV). Para garantir esse direito a Constituição organiza e determina que os municípios devam ofertar as vagas na educação infantil, cabendo aos governos federais e estaduais dar apoio financeiro e técnico para a criação, como também a manutenção de vagas em creches e pré-escolas (art.30, VI, e art.211). Segundo o censo escolar de 2012 vem aumentando cada

vez mais as matrículas nas redes municipais devido a esse novo olhar sobre as crianças na Educação Infantil.

Em 1996, a LDB, no artigo 62, em nenhum momento na Lei referente a educação infantil determina que o professor do sexo masculino não deverá exercer essa função. Deixa clara a exigência de serem professores habilitados, como diz abaixo:

Professores habilitados para atuar na educação infantil:

Art.62. A formação de docentes para atuar na educação far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena em universidades e institutos superiores de educação, admitida como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro séries do ensino fundamental, oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

Abrindo, então, um campo de trabalho para os homens, pois passou a ter concursos públicos, os quais não determinavam que só o sexo feminino pudesse trabalhar com as crianças na educação infantil, mas sim profissionais formados para aquela função.

FALANDO SOBRE O PROFESSOR DO SEXO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

No passado o currículo era reflexo de uma sociedade totalmente dominada pelos homens que com decorrer do tempo foi sendo desenvolvida uma educação que levasse em conta também valores femininos. Na atualidade a educação em todas as suas etapas é composta em sua grande maioria por mulheres, acontecendo com mais incidência nas séries iniciais, onde produzem uma desigualdade de gênero, existindo preconceitos produzidos culturalmente, sendo maioria na educação infantil, cujo pensamento é de que só as mulheres são capazes devido a sua essência maternal ou laço maternal de cuidar de uma criança, na educação infantil, época esta que exige a necessidade de cuidados corporais como diz Sayão:

São evidentes os preconceitos e estigmas originários de ideias que veem a profissão como eminentemente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninos e meninas. (...) os cuidados com o corpo foram atributos das mulheres, a proximidade entre um homem lidando com o corpo de meninos e/ou meninas de pouca idade provoca conflitos, dúvidas e questionamentos, estigmas e preconceitos (SAYÃO, 2005, p. 16).

Historicamente a Educação Infantil está ligada as mulheres, contudo segundo Finco (2003 p.56) “não é só por que há mulheres que a profissão é feminina”. A prática educativa durante a infância designada ao sexo feminino vem de uma construção sociocultural, de que só as mulheres possuem habilidades para cuidar de crianças, devido a ideia de que “nasce com esse dom” A autora completa:

Neste sentido, não há um “saber natural” das professoras para educarem as crianças na creche, por que todo conhecimento mobilizado foi aprendido socialmente. Há que se considerar que, historicamente, as bonecas são brinquedos oferecidos principalmente, as meninas, e ainda persiste a valorização distinta do feminino e do masculino, por que as meninas é que são consideradas a atribuir sentimentos às bonecas e às pessoas (FINCO 2003, p.56).

A educação infantil sempre foi vinculada a uma prática que não precisaria de muito conhecimento, ou seja, desqualificando esse profissional, mas que bastaria um trabalhador do sexo feminino para cuidar das crianças causando assim a desmotivação do mesmo, mas fortalecendo essa forte ligação cultural entre a educação infantil e o sexo feminino.

As atividades do magistério infantil estão associadas ao papel sexual, reprodutivo, desempenhado tradicionalmente pelas mulheres, caracterizando situações que reproduzem o cotidiano, o trabalho doméstico de cuidados e socialização infantil. As tarefas não [eram] remuneradas e têm aspecto afetivo e de obrigação moral. Considera-se que o trabalho do profissional de educação infantil necessita de pouca qualificação e tem menor valor. A ideologia aí presente camufla as precárias condições de trabalho, esvazia o conteúdo profissional da carreira, desmobiliza os profissionais quanto às reivindicações salariais e não os leva a perceber o poder da profissão. (KRAMER, 2001, p. 97)

Essa problemática em relação à educação infantil me chamou muito a atenção durante o estágio, pois deve ser a principal dificuldade enfrentada pelo

profissional de pedagogia do sexo masculino, a qual vai se refletir em números, comprovando toda essa dificuldade desse profissional que por mais formado e preparado que seja se depara com esse antigo pensamento da nossa sociedade, onde só os homens podem oferecer perigo as nossas crianças, como se fossem o “lobo mau”, causado possíveis estranhamentos e preconceitos. Sayão defende um maior envolvimento dos homens na Educação Infantil:

Quando maior o envolvimento de homens na Educação Infantil, aumentará a opção de carreira para eles contribuindo para que se desfizesse a imagem de que esta etapa da educação básica é um trabalho apenas para mulheres alterando, dessa maneira, a imagem da profissão e quem sabe melhorando, significativamente os salários e o status da carreira. (SAYÃO, 2005, p.16).

Esse profissional mesmo apresentando uma boa formação acadêmica dificilmente consegue trabalhar nesta área a não ser que seja através de concurso público, mesmo assim, tendo que lidar com preconceitos, tendo que provar diariamente sua capacidade e “verdadeiras intenções” devido a estar atuando junto às crianças de pouca idade, enfrentando várias reações negativas dos pais, as críticas do corpo docente da escola, o modo como a sociedade o vê, e questões relacionadas ao cuidar e o ensinar.

A abertura de concursos públicos para a Educação Infantil vem proporcionando o aumento da presença de professores do sexo masculino na Educação Infantil e que pode vir a contribuir para desfazer muitos dos mitos e preconceitos feitos em cima da imagem masculina nessa etapa da educação ao longo dos tempos, trazendo colaborações significativas para essa carreira, promovendo através de uma prática diária uma melhor aceitação desse profissional mostrando toda sua qualificação e amor a profissão, deixando de ser olhado com preconceitos, sendo perseverante e fiel a sua vocação.

3 REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES DO PROFESSOR DO SEXO MASCULINO QUE ATUA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A SOCIEDADE.

Com apenas 2,9% de presença na docência para a faixa de 0 a 6 anos, o professor do sexo masculino na Educação Infantil se apresenta como minoria, causando estranhamentos por parte da escola como também da família, vivenciando várias situações durante sua prática docente que levam a questões como preconceito, desvalorização do trabalho desse profissional e construções que envolvem toda a comunidade escolar, justamente por estarem “invadindo” um espaço historicamente dominado pelas mulheres levantando a uma discussão sobre a questão de gênero.

Segundo o conceito de gênero de Louro (1997) é importante compreendermos, ou seja, “entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos”, mas também explica que os sujeitos possuem identidades variadas e não somente uma, podendo estas ter caráter transitório, pois com o passar dos tempos podem vir a se modificarem. Sendo assim, muitos comportamentos de homens e mulheres que são devidos os seus identidades e comportamentos diferentes na sociedade são construídos, e passíveis de mudanças. Louro (1997) completa dizendo:

[...] Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim com a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o. O sujeito é brasileiro, negro, homem, etc. Nessa perspectiva admite que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros [...] (LOURO 1997, p.25).

O professor do sexo masculino que atua junto à crianças pequenas gera inicialmente estranheza e questionamentos no corpo docente escolar, tensões e reflexões a cerca das razões que os motivaram a ingressar nesta função, fazendo-se necessário compreender as relações estabelecidas entre eles com os demais sujeitos das instituições e como a comunidade escolar percebe e convive com a presença desses sujeitos.

Este profissional está no foco dos olhares preconceituosos que iram duvidar da sua capacidade e sexualidade, provocando desconforto, constrangimento e outras sensações como ser um peixe fora d'água, gerando

questionamentos e pensamentos a cerca de si mesmo, da sua escolha e da sua didática. Porém o desejo, carinho, amor e a vontade de romper barreiras e preconceitos fazem os professores homens que trabalham com crianças pequenas se dedicarem e desempenharem com louvor o seu trabalho.

Uma questão bastante vinculada a esses profissionais de maneira positiva é a questão da figura paterna que estreita a relação entre as crianças, trazendo benefícios emocionais que uma figura masculina pode representar para uma criança privada da figura paterna.

Como já foi dito a Educação Infantil no Brasil esta associado historicamente a figura feminina a figura materna e isso é constatado pelo INEP (Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa) em 2010 quando constatou que entre 336.186 de professores que atuam na educação infantil somente 11.430 eram professores do sexo masculino. Até porque eles são muito melhores aceitos em funções de diretor, coordenador ou funcionário direto da administração da rede de ensino, representando as relações de poder e o próprio magistério.

4 AS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS: CUIDAR E BRINCAR

As políticas públicas elaboradas para o atendimento de crianças na história da Educação Infantil no Brasil foram influenciadas por medidas jurídico-policial, médico-higienistas e religiosas. Apresentando dimensões essenciais no que diz respeito ao educar e ao cuidar, com propostas pedagógicas importantes na educação, voltadas especificamente na Educação Infantil. Propostas essas que variam conforme a instituição de ensino, pois muitas dão ênfase ao cuidar, deixando um pouco de lado o educar. Sayão fala que as crianças precisam de cuidados básicos, pois dependem dos adultos, mas que é preciso educar, pois são cidadãos e tem o direito de ter acesso ao conhecimento.

É preciso cuidar das crianças que ainda são dependentes dos adultos no que diz respeito a cuidados básicos, como a alimentação, a higiene, o vestuário. É preciso também educar essas crianças porque são cidadãos e não podem ser

privados do direito inquestionável de ter acesso ao conhecimento, socialmente produzido e expresso pela cultura. (SAYÃO 1996, p 15)

Foi sobre essa perspectiva que o professor durante o estágio trabalhou em sala de aula utilizando-se de concepções pedagógicas que proporcionava uma educação nessa faixa etária, da Educação Infantil de conhecimentos diversificados, de forma prazerosa, sem rotulações e padrões a serem seguidos, mas sim desenvolvidos conforme a necessidade de cada um, buscando formas de se obter esse conhecimento. Em todas as aulas que participei no estágio o professor utilizou-se da brincadeira, arte e linguagem musical, possibilitando criatividade, envolvimento, alegria, raciocínio, beneficiando o desenvolvimento das crianças pela forma que eram trabalhadas.

As brincadeiras tinham uma grande importância durante as aulas, fazendo parte das práticas pedagógicas na Educação infantil, mas que em muitas vezes são deixados um pouco de lado, dando-se mais importância ao aspecto intelectual e cognitivo, em detrimento de outros aspectos considerados mais importantes, encontrando-se o brincar, a brincadeira somente no recreio mais especificamente quando as crianças estão no parquinho.

Kishimoto (2001, p.238) ressalta que:

As brincadeiras livres são vistas por alguns professores como descanso de atividades dirigidas e não como forma de socialização e integração da criança, o que dificulta justificá-las como parte do projeto pedagógico da escola. Se, para os professores, o parque serve para a criança descansar e brincar e a sala de atividades para estudar e trabalhar define-se então a função da educação infantil: estudar.

A brincadeira infantil ocupa um aspecto muito importante, pois é através do brincar que as crianças se socializam e se integram, construindo conhecimentos sobre a realidade que as cercam como também sobre si mesmos durante seu processo de desenvolvimento nessa fase da infância, ao

contrário de muitos educadores que veem a brincadeira como forma de passar o tempo ou recreação e em muitas vezes aplicando outros tipos de atividades que em suas concepções de aprendizagens parecem mais eficazes.

Percebi como os alunos desenvolviam várias habilidades durante as atividades, trabalhando conteúdos variados que proporcionavam socialização e aprendizagem de assuntos diversos, atividades essas que eles demonstravam grande interesse e satisfação, realizando de forma positiva, tendo seu universo cultural ampliado a cada atividade.

Observei que o professor utilizou-se de práticas pedagógicas intencionais e relevantes, as quais proporcionavam atividades criativas, onde as crianças interagem livremente, socializando-se através da arte, brincadeiras, músicas e histórias, mostrando que sua concepção de educação infantil não é o de uma educação assistencialista, mas sim de uma educação que deve cuidar sim, mas educando através de práticas que promovam o aprendizado de uma forma prazerosa, agradável e lúdica, proporcionando alegria, entusiasmo e participação nas atividades de forma construtiva, avaliativa e crítica, sendo todas as aulas acompanhadas por músicas infantis que complementavam esse aprendizado.

O professor demonstrou ao longo do estágio que a proposta de trabalho dele era fundamentada na concepção de que a criança é um ser social, um cidadão de direitos, um ser histórico, inseridos na cultura, pois a importância do cuidar e educar eram trabalhadas em sala de aula de maneira indissociáveis, planejando e organizando suas aulas a partir do brincar, proporcionando o desenvolvimento de várias linguagens, plásticas, musicais, escritas, orais, corporais; dando importância a alfabetização, mas não dando grande ênfase a esse trabalho. Observando as necessidades que as crianças tinham de conhecer o mundo, bem como suas curiosidades.

De acordo com o referencial, educar significa:

“(...) propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e

conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis.” (RCN/I, vol. I, 1998, p.23)

Já o cuidar é definido como:

“(...) parte integrante da educação, embora exigir conhecimentos, habilidades e instrumentos que extrapolam a dimensão pedagógica, ou seja, cuidar de uma criança em um contexto educativo demanda integração de vários campos de conhecimentos e a cooperação de profissionais de diferentes áreas.” (RCN/I, vol.I, 1998, p.24)

O cuidar e o educar estava presente em todas as etapas das aulas, cujas atividades envolviam temáticas relacionadas à cultura e à natureza, envolvendo o aprendizado das crianças e do autocuidado, estimulando a capacidade, o desenvolvimento, conhecimento, proporcionando a ampliação da compreensão de mundo com situações que apresentavam algum significado para elas.

A turma demonstrava um respeito a ele muito grande e todas as atividades eram feitas de maneiras agradáveis, lúdicas, proporcionando um ambiente acolhedor, alegre e cheio de criatividade. Utilizando-se do recurso da arte, da música e das historinhas para despertar o interesse. Introduzia com destreza o conhecimento sobre variados assuntos, valorizando o cuidar e o educar de uma forma conjunta promovendo brincadeiras e atividades que proporcionavam as crianças autonomia, alegria e aprendizado. Tratava as crianças com carinho e atenção, mas sem muito contato físico. Durante todas as aulas o professor demonstrou que é um profissional,

Quanto ao tratamento direcionado a ele, presenciei que os pais dos alunos o tratavam com respeito. Segundo o relato do professor, no início sua presença em substituição a uma professora, provocou estranhamento aos pais, mas, naquele momento, depois de alguns meses, que isso já havia passado. Os alunos o tratavam com muito carinho, no entanto, já os colegas de trabalho mantinham um olhar de constante vigilância, pois em variados momentos entravam na sala de aula para reclamar, vigiar e se informar sobre o que estava acontecendo e, já iam querendo impor suas opiniões e ideias, parecendo que não aceitavam ou não concordavam com sua presença na educação infantil.

Sendo aceito depois de algum tempo pelos pais dos alunos e amado por suas crianças, correspondendo ao trabalho realizado por um profissional que só vem a contribuir para o aprendizado de uma forma prazerosa, colaborando para o conhecimento de forma lúdica, através das brincadeiras e jogos.

Durante as práticas e métodos aplicados pelo professor vi que ele procurava fazer seu trabalho com dedicação, mesmo sofrendo com algumas críticas sobre seus métodos, reações contras essas, que certamente estão ligadas também a questão de gênero, sofrendo algumas interferências, preconceitos e possíveis estranhamentos por parte da própria comunidade escolar, mas que a meu ver para ele não o desanima, pois sempre chegava com muita disposição e alegria e cheios de novidades.

Destaco que o estágio foi muito importante para mim, pois possibilitou que tivesse experiências que ainda não tinha, devido a minha formação no ensino médio, não ser de normalista, vivenciando práticas e momentos no ambiente escolar que proporcionaram para mim um grande aprendizado, os quais só vieram a contribuir com minha formação docente e afirmar a minha escolha sobre o curso, proporcionando uma imensa satisfação por fazer parte de momentos tão especiais vividos em sala de aula

5 UMA QUESTÃO DE GÊNERO

Foi garantido as crianças de 0 a 6 anos o direito a ser educadas com a LDB 96 e a Constituição de 88 em creches e pré-escolas. Com isso a Educação Infantil passa a ser a primeira etapa da educação básica, iniciando a experiência discente, promovendo a oportunidade de um convívio social amplo e diferente do convívio familiar, desenvolvendo questões sociais, intelectuais e psicológicas durante sua convivência com outras crianças e professores.

Na Educação Infantil, a criança convive e interage na maioria do tempo com outras crianças, proporcionando uma convivência variada e obtendo novas relações. Nessa relação de convívio entre professores e crianças são construídos espaços, tempos e práticas.

Um olhar sobre a questão de gênero se faz necessário, quando falamos em uma educação de qualidade, tanto na questão do professor homem como também nas relações existentes como um todo. O corpo da criança na Educação Infantil é ensinando, e não somente cuidado, sendo o primeiro lugar marcado pelo adulto dentro desse espaço, impondo condutas e limites psicológicos e sociais.

Compreende-se que a educação Infantil no Brasil é uma profissão exclusivamente feminina devido a sua relação com a prática de cuidados, e só encontramos o gênero feminino dentro das salas de aula . Acreditamos ser um problema visto que o gênero é constituído por homens e mulheres em suas relações sociais. Ser professor da Educação infantil não é uma profissão exclusivamente do sexo feminino, mas é fato que elas se encontram em maior número nesta área, vinculadas ao educar e cuidar de crianças de pouca idade.

O trabalho do dia a dia de homens e mulheres em conjunto é que elabora essa profissão, como também a docência na Educação Infantil, não estando embasado em nenhuma estrutura de gênero, mas fazendo-se necessário a desconstrução de ideias erradas e críticas. Afinal, o universo cultural não tem funções pré-determinadas que coloquem o feminino e o masculino de maneira isolada.

Os homens aprendem a cuidar, assim como as mulheres também cuidam, mas ambos quando são diferentes também cuidam de forma diferente e diversa; não existindo um padrão feminino ou masculino de cuidar, independentemente do gênero do professor, esse profissional atuará na Educação Infantil conforme sua capacidade, amor e dedicação.

A educação privilegia os homens, levando-os a atuarem em áreas de comando, explicando o afastamento desses profissionais das salas de aulas, onde o corpo docente é em sua maioria é composto por mulheres, mas continua sendo um espaço pensado por homens.

REFLEXÕES SOBRE AS RESPOSTAS DOS ALUNOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FFP ACERCA DA SUA HABILITAÇÃO PARA ATUAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Na tentativa de trazer pistas que nos levem a maiores reflexões sobre o futuro profissional docente e sobre sua posição em relação a Educação Infantil, foram feitas entrevistas com 12 alunos com alunos do sexo masculino da graduação em Pedagogia; que período está cursando na faculdade, qual a sua idade; por que você escolheu o curso de Pedagogia; você trabalha como professor ou na área da educação? Qual; você tem algum interesse em lecionar na educação infantil? Explique; você acha que a FFP-UERJ durante seu curso de pedagogia prepara seus alunos do sexo masculino para atuar na educação infantil? Explique; em sua opinião quais as principais dificuldades que o professor do sexo masculino encontra para lecionar na educação infantil?. O modelo do roteiro de entrevistas encontra-se no anexo desta publicação.

Os alunos entrevistados tem idade entre 21 e 57 anos, estando cursando do 2º ao 10º período, e em sua maioria optou pelo curso de Pedagogia pela relação candidato/vaga.

Nossa premissa era que provavelmente a maioria dos alunos não tinha interesse em trabalhar na Educação Infantil, acreditávamos que o preconceito seria apontado como a maior dificuldade e a escolha pelo curso de pedagogia, acontecendo devido as ramificações que o curso oferece.

Apresentamos agora alguns dados obtidos em nossas entrevistas:

Gráfico1

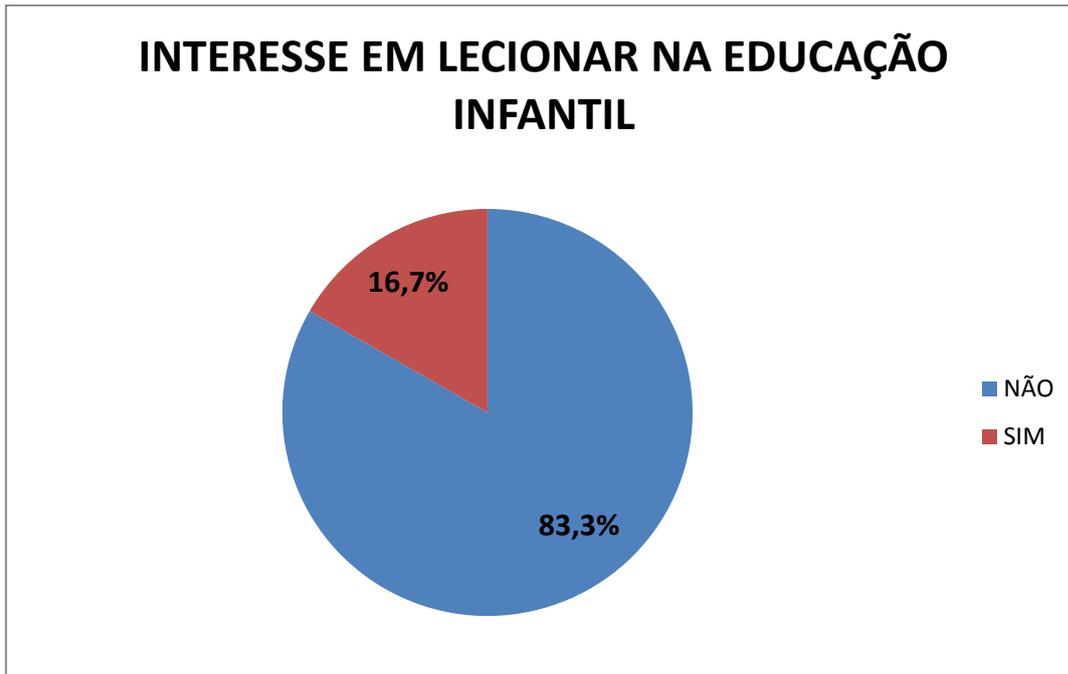


Gráfico2

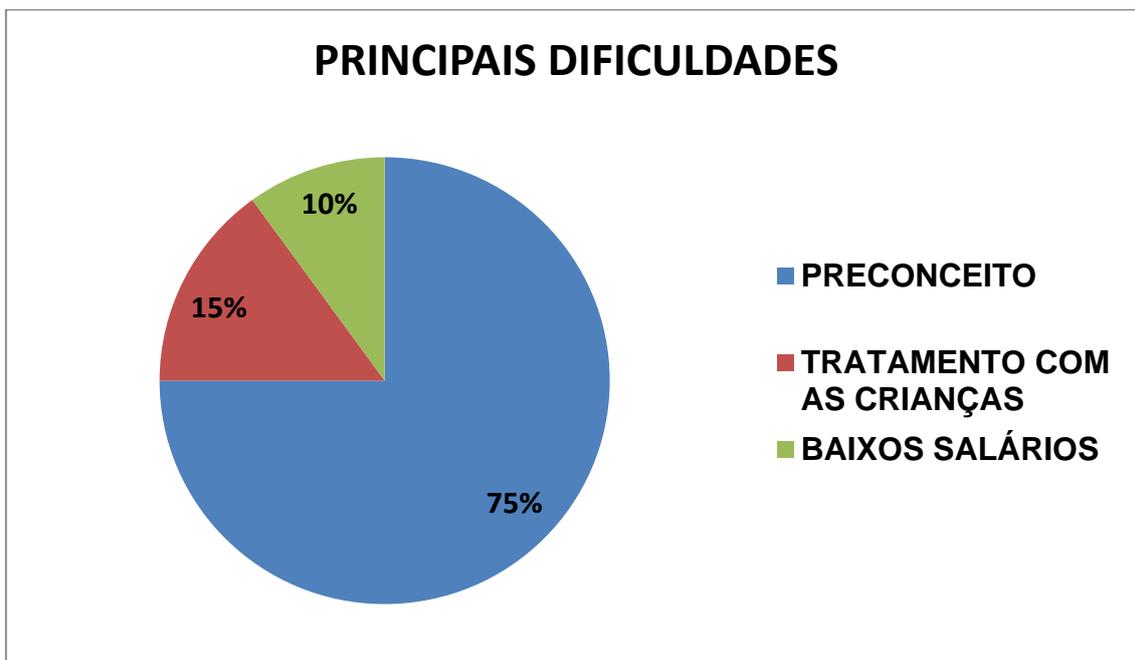


Gráfico3

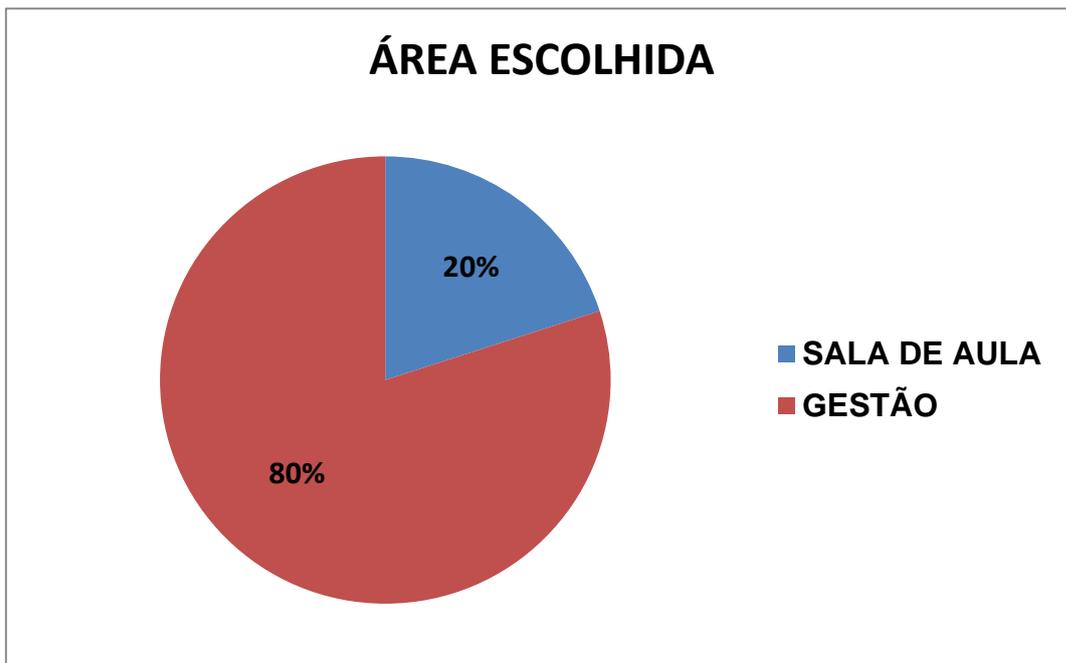
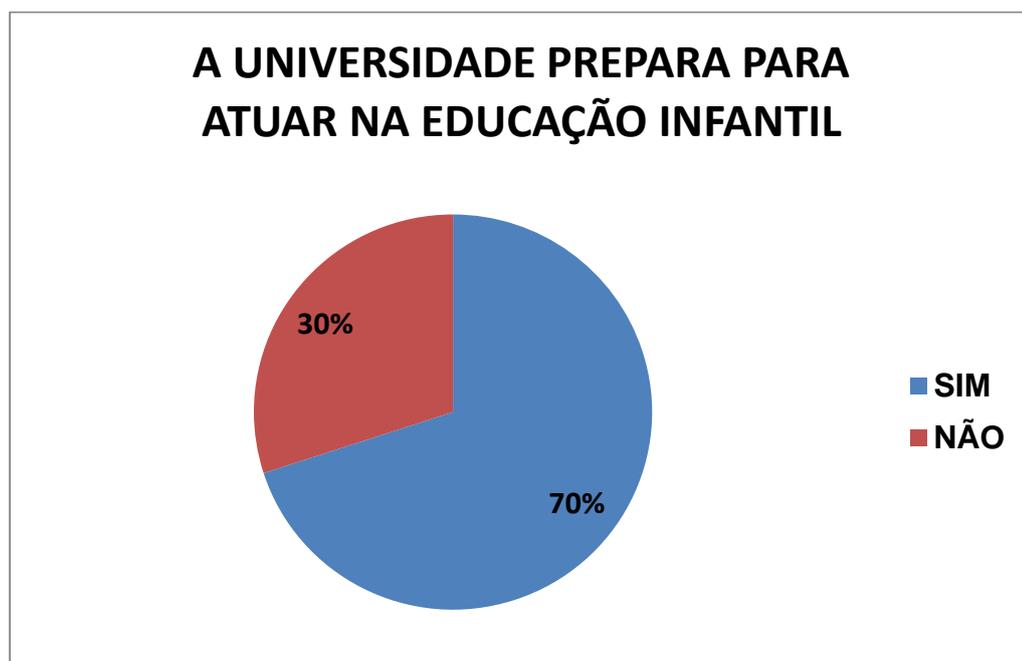


Gráfico 4



Diante das informações acima podemos pensar que os alunos do curso de Pedagogia da FFP/UERJ em sua maioria, não têm interesse em lecionar na Educação Infantil. Destacando o preconceito, tratamento com as crianças e baixos salários como as principais dificuldades para trabalhar na área, evidenciando que a escolha da área de atuação foi devido as suas ramificações; firmando o que reflete na educação na atualidade.

Observamos também a concordância entre os alunos que a FFP-UERJ prepara sim, seus alunos para atuar nesta área independentemente de ser homem ou mulher, mas de forma homogênea. Alguns depoimentos relacionados:

“Pois sendo um curso de formação de professores, como o próprio nome já fala, ele prepara professores independente do sexo do indivíduo” (Aluno 4º período).

“Os professores da FFP-UERJ ensinam aos alunos independentes do sexo.” (Aluno 2º período)

O interesse dos alunos sobre atuar na Educação Infantil foi negativo, segundo os entrevistados, com 83,3% deles revelando a falta de interesse e preocupação por enfrentar uma área que refletem tabus e comportamentos da sociedade como um todo, envolvendo não a sua capacidade, mas vendo-os como sujeitos que não pertencem a essa etapa da educação, pelo menos não nessa posição.

Cerca de 75% dos alunos apontam o preconceito como principal dificuldade, seguidos por 15% tratamento com as crianças e 10% baixos salários, evidenciando todo um processo social sofrido pelo homem na Educação Infantil. Alguns depoimentos relacionados:

“Preconceito por ser homem” (Aluno 5º período)

“Preconceito pelos pais e coordenadores” (Aluno 6º período)

“O preconceito de profissionais da escola, principalmente no trato com as crianças do sexo feminino,

no mais os mesmos das mulheres, como salários e valorização.” (Aluno 7º período)

Outro dado que nos chama atenção é sobre o interesse dos alunos voltados para a gestão escolar, deixando de lado o cotidiano da sala de aula sem querer ter nenhuma experiência com a prática docente, reforçando uma prática social e profissional vista diariamente nas escolas, onde os profissionais de Pedagogia do sexo masculino exercem funções de hierarquia, afirmando o seu lugar dentro de uma sociedade machista. Por outro lado, a grade curricular da pedagogia possibilita uma ramificação de qualidade por este caminho, revelando um pensamento na gestão do processo o que é permitido com a conclusão do curso. Alguns depoimentos:

“A grade curricular do nosso curso é ampla, assim proporcionando ao profissional, seguir inúmeros seguimentos.” (Aluno 8º período)

“Pelo fato de ser um curso com grande variedade de opções empresariais”. (Aluno 7º período)

Uma informação que merece destaque, é que somados os percentuais dos alunos que fazem o curso de Pedagogia 17,7%, ao contrário da maioria, e apesar de todas as dificuldades, apresentam interesse em lecionar na Educação Infantil pelo fato de gostarem de criança e de poderem contribuir para sua formação, mesmo sabendo que é uma área restrita aos homens no Brasil, evidenciando uma perspectiva de continuidade do processo de um novo olhar sobre esses sujeitos dentro desse campo de trabalho.

“Sim. Pelo fato de gostar de crianças e de poder ajudar na formação delas, mesmo com preconceito, resistência dos pais que idealizam uma professora (tia).” (Aluno do 10º período).

“Sim. Mesmo sabendo que é uma área bem restrita”
(Aluno do 6º período).

Finalizando as informações referentes à nossa pesquisa, é importante destacar que ela é tímida e preliminar, não tem intenção de fechar um perfil, mas de trazer pistas sobre os alunos de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, com a intenção de levantar reflexões sobre os interesse desses futuros Pedagogos na Educação Infantil, suas visões e intenções à respeito dessa área. Sabendo-se que a cada ano aumenta o número de alunos do sexo masculino matriculados nos cursos de pedagogia, que dão direito à atuação na educação de crianças de 0 a 6 anos de idade, mas, em contrapartida, há poucos trabalhos sobre a atuação destes futuros profissionais na educação infantil e prováveis direcionamentos na profissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem profissões que são vinculadas ao gênero e apesar de todo debate feito sobre a igualdade e em muitas vezes sendo diminuídas diferenças e preconceitos com o passar dos tempos, ainda existem muitas delas específicas há um determinado gênero, o que não pode servir de impedimento para esse novo profissional que traz consigo um novo olhar, podendo contribuir e somar para um melhor resultado. As mulheres em particular se preocuparam em conseguir essa igualdade assumindo muitas ocupações as quais eram prioritariamente dos homens, sem exigir uma contrapartida deles, levando consigo toda a responsabilidade, e ainda em sua grande maioria, exclusivas ao sexo feminino.

A presença de professores do sexo masculino na Educação Infantil se apresenta recentemente com as inovações constituídas na legislação a infância, no que diz respeito à educação básica, onde se obteve a abertura de concursos públicos legitimando a presença desses profissionais sem distinção de gênero na educação Infantil, fazendo-se necessário lutar para romper com os preconceitos socioculturais decorrente da profissão sem prejudicar seus trabalhos e a relação com os demais indivíduos envolvidos no processo.

Analisando os resultados das entrevistas com futuros profissionais do curso de pedagogia foi possível perceber que, apesarem de reconhecerem que a FFP-UERJ prepara seus alunos para a Educação Infantil independente de ser mulher ou homem, não se sentem à vontade para lidar com crianças de tão pouca idade devido ao cuidar e olhares preconceituosos dos adultos sejam do corpo escolar ou pais; afinal são experiências obtidas somente no dia a dia do estágio, preferindo assumir espaços marcados culturalmente pelas vivências masculina da área de gestão escolar. Assim, reproduzindo as relações sociais de gênero, onde permanecem em situações de poder e controle, devido à hierarquia de cargos que possuem prestígio e privilégios.

Um país como o Brasil com uma miscelânea de culturas variadas, não teria como não apresentar uma grande diversidade de funções com inversões de papéis e funções. Se todos nós somos iguais perante as regras que regem os direitos humanos, diferentes apenas em nossa essência, o sexo de cada pessoa torna-se apenas um órgão classificatório do ser masculino e feminino. Há não aceitação desses educadores homens só reforçaria as desigualdades e injustiças sociais, e todos sairiam perdendo.

Caminhando para o encerramento desse trabalho é importante enfatizar que os profissionais do sexo masculino que estão se formando em Pedagogia, juntamente com os que já atuam na educação infantil são profissionais e sujeitos, como qualquer outra pessoa da esfera educacional. Mesmo depois das transformações sociais no mundo, ainda impera um conceito retrógrado sobre a figura masculina que atua na docência, aproximando os indivíduos de hoje ao passado onde as mulheres eram designadas unicamente a cuidar da casa e das crianças, como se o ato de ensinar estivesse ligado ao amor materno e ao campo doméstico, fazendo com que esses profissionais devido a olhares preconceituosos acabem desanimando e se desinteressando pela área da educação, fazendo-se necessário um enfrentamento à respeito dessa situação, realizando um trabalho constante na tentativa de se ter um novo olhar que reconheça a igualdade dos profissionais, sem estereótipos, apontamentos e olhares vigilantes e preconceituosos.

Na sociedade atual é preocupante que ainda ocorra tantos preconceitos dentro de uma instituição que forma cidadãos, como é a escola, permitindo que profissionais capacitados sofram com atitudes e olhares preconceituosos que partem muitas vezes a partir dos próprios colegas de trabalho, levando a uma dificuldade ainda maior para esses profissionais que pretendem atuar na Educação Infantil, necessitando que tenha início ali de uma nova conduta, com a igualdade de seus profissionais como sujeitos que promovem a educação independente do sexo que possuem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação**: Universidade de Campinas, Campinas, v.14, n.3 (42), p.109-101, set./dez. 2003.

KRAMER, Sonia. Formação de Profissionais de Educação Infantil: questões e tensões. In:_____. (Coord.). **Relatório de Pesquisa Formação de Profissionais da Educação Infantil no Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ravil, 2001, 160 p. (Relatório de Pesquisa CNPq/FAPERJ). p. 89-104.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero sexualidade e educação**: uma Perspectiva pós-estruturalista 3ª ed. – Petrópolis: Vozes, 1997.

SAYÃO, Thomé Débora. **Relações de gênero e trabalho docente na Educação Infantil**: Um estudo de professores em creches. Tese de (Doutorado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2005.

MOYSÉS, Kuhlmann Jr., **Infância e educação infantil: Uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10650040/artigo-208-da-constituicao-federal-de-1988>

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm

Parecer CNE/CEB nº 17/2012, aprovado em 6de julho de 2012- orientações sobre a organização e o funcionamento as Educação Infantil, inclusive sobre a formação docente, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

Parecer CNE/CEB nº 2/2002, aprovado em 29 de janeiro de 2002
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm

<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10650040/artigo-208-da-constituicao-federal-de-1988>

SAYÃO, D.T.A. Educação Física na pré-escola: da especialização disciplinar á possibilidade de trabalho pedagógico integrado, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira). Centro de ciências da educação da UFSC. Florianópolis, SC.

KISHIMOTO, TizukoMorchida. *Brinquedos e materiais pedagógicos nas escolas infantis*. Educação e Pesquisa: São Paulo, 2001. v.27, n.2.

ANEXO:

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Faculdade de Formação de Professores

Curso de Pedagogia

Pesquisa de Monografia : Reflexões sobre o professor do sexo masculino na educação infantil: Algumas pistas tecidas sob o olhar dos estudantes de Pedagogia da FFP/UERJ de períodos variados.

- 1) Que período está cursando na faculdade ?
- 2) Qual a sua idade?
- 3) Por que você escolheu o curso de Pedagogia?
- 4) Você trabalha como professor ou na área da educação? Qual?
- 5) Você tem algum interesse em lecionar na educação infantil? Explique?
- 6) Você acha que a FFP-UERJ durante seu curso de pedagogia prepara seus alunos do sexo masculino para atuar na educação infantil? Explique.
- 7) Em sua opinião quais as principais dificuldades que o professor do sexo masculino encontra para lecionar na educação infantil?